



Laura Palacios*

Segredos, fofocas, maledicências...

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

I.

No ângulo dos velhos mapas-múndi do século XV se encontra um amplo espaço livre sem forma nem nome onde estão escritas estas três palavras: Hic sunt leones. Esse canto sombrio também está no homem. As paixões rondam e rugem em alguma parte de nós, e também pode se dizer de um lado escuro de nossa alma: "Aqui há leões".

Victor Hugo, *O homem que ri*

Leões que vivem em nossas zonas de sombra, que cochilam e passeiam movendo suas caudas indolentes. Sim, nesses vazios onde também se aninha o último e mais guardado de nossos segredos. Lugar e motivo dos íntimos pudores que não querem ser revelados. Vou me referir ao poder nocivo da palavra, à potência que essa tem para atizar os leões, provocar o mal e disseminá-lo.

Começarei com a fofoca.

Filha da leviandade e do invento, a fofoca é a parente plebeia do segredo. O segredo exhibe dignidade, prestígio. Está localizado em uma mansão de escadas atapetadas. Fechadura, portas e janelas à prova do indiscreto. Conhece intimamente a circunspeção. Anda de braços dados com a sobriedade e a história. Está ligado diretamente ao silêncio e à ética. Considera-se herdeiro da verdade e janta na casa do poder quase todas as noites. E não apenas Herr Rotschild tem um parente plebeu a quem tratar com familonária *politesse*, a quem convidar se não houver mais remédio, pedindo que entre pela porta de serviço. Porque o segredo não é bobo. Pressente que nas sombras e sob o mandato de seu capricho primordial, o parente plebeu desfruta. E o prazer da fofoca é corroer a dignidade do segredo. Falar por suas costas, desonrá-lo, revisar seus arquivos, ler seus papéis íntimos. Fabricar diminutas chaves mestras para violar (valha a redundância) seu *secrétaire*, abrir a caixa forte e arrasar suas dispensas. E, acima de tudo, divulgar e divulgar... espalhar o tesouro.

Em sua paixão extrema, a fofoca se ancora na finalidade de bater, de ferir, de sujar o corpo e a subjetividade de alguém. A fofoca adquire neste modo a dimensão perversa do insulto, da injúria, que não recuam na tentativa de confinar o outro como objeto dessa trama pulsional mortífera. (Staude, 1994, p. 116)

Qual seria o interesse da psicanálise neste disputado parentesco? No seminário 3, Lacan (1959/1986) pergunta – e parece se surpreender – por qual estranha razão a linguagem teria sua eficácia máxima quando consegue dizer algo, dizendo outra coisa. Trata-se do dizer.

Assumimos que a fofoca é um fato de linguagem. De linguagem, e, como tal, de desejo. Em referência ao falatório, escreve R. Barthes (1977): “A filologia ativa (a das forças, de linguagem) compreenderia, pois, duas linguísticas obrigatórias: a da interlocução (falar ao outro) e a da elocução (falar de alguém). Ali situaremos a fofoca” (p. 149). Vejamos, pois, como entram essas duas linguísticas em nosso campo de interesse.

Freud destacou a incidência do falar na estruturação do aparelho psíquico. Estava interessado em encontrar as chaves do processo de

pensamento à luz dos dois princípios do suceder psíquico, e já nas primeiras abordagens teóricas deixou estabelecido que o discurso reflexivo e articulável sai do pré-inconsciente e se rege pelo princípio de realidade. Também destacou que os pensamentos que estão sob o domínio do princípio do prazer são inconscientes e que só chegam à consciência à medida que são verbalizados. Só resultam acessíveis pelo artifício da palavra articulada, e à medida que reina o falar, quando há *Bewegung* = movimento de palavra.

Com a saída da caverna e a entrada na linguagem, a criatura humana perdeu algo para sempre. Perdeu sua relação natural com o mundo que a rodeia. Mas a desamparada criatura não se rende: essa perda de prazer deixou uma marca, uma pulsação que procura e procura recuperá-lo. Essa pulsação almejante é chamada de desejo.

É à procura de certa dimensão de prazer em fuga que o ser humano se lança para o discurso. A todas as modalidades do discurso. Corre em direção aos outros, faz vínculo, escreve, publica, declama, fala, escuta, difunde. A vida social é o caldeirão sempre furado (porque é caldeirão a palavra) onde se cozinha, tempera e cresce a massa da fofoca, um produto que nunca é alheio ao pulsional, dado que o pulsional é com, e através do outro. Aprendemos com Lacan que a pulsão se origina frente à demanda do *a*, esse *a*. nos constitui como falantes. Seguindo esta via, vemos até que ponto o giro da roda pulsional usa a máquina intersubjetiva para colocar em jogo o prazer com a palavra. Injurioso ou trivial, mais falso que verdadeiro, o cochicho está inscrito nas vicissitudes da vida cotidiana. É próximo da piada, já que ambos os fenômenos temperam e dão consistência ao laço social. Por isso são impossíveis de erradicar. Por isso são penetras na festa da linguagem e nos corredores de nossas instituições. E não só lubrificam as dobradiças do funcionamento social, mas também nos lembram que estamos divididos. Que somos de luz e sombra. Que há sujeira debaixo dos tapetes. A fofoca compartilha com a piada outra condição: depender da presença de um outro para continuar existindo. Também o relato necessita de um leitor ou um ouvinte para alcançar seu objetivo. Mas em nosso caso particular, falaremos da *cumplicidade* do outro, porque a fofoca é gregária, necessita testemunhas. E, acima de tudo, necessita um terceiro ausente e prejudicado.

A palavra *fofoca* pertence a fala corrente e se encontra incômoda entre os temos psicanalíticos. Também não figura em nossos dicionários especializados: é preciso procurar em outros lugares. Em relação à Real Academia Espanhola é implacável: não acredita em sua inocência. O máximo dicionário da língua espanhola confere à fofoca a maléfica intenção de indispor as pessoas umas contra as outras. Junto a seu sinônimo *murmúrio*, que é definido como conversas em prejuízo de um ausente. Mas não resta dúvida de que “o efeito buscado é a queda de alguém: queda da inocência, queda da aparência sem mácula do pecado, queda do prestígio ou do renome e, inclusive, do poder” (Staude, 1994, p. 115).

Ainda que seja certo que em suas formas leves dá sabor a vida dos humanos, as más línguas não deixam de insinuar que se referem ao ramo feminino da espécie de Adão. Assim o diz La Fontaine: “Nada pesa mais que um segredo, às damas lhe resulta difícil levá-lo

muito longe”¹. Das fontes etimológicas emanam idênticas insinuações. Quase todas carregam a gestão da fofoca sobre as gráceis costas femininas. No clássico *Museo del chisme* escreve Edgardo Cozarinsky (2005): “Em inglês, a palavra *gossip*, fofoca, designa em uma acepção arcaica a qualquer mulher e também, mais precisamente, a conversadora e que transmite novidades” (p. 19). Outros autores, como o historiador John Forrester (1995), nos informam que a palavra inglesa *gossip* deriva de *god-sib*, que significa “parentes aos olhos de Deus”.

O dado provém da história da obstetrícia e faz saber que, no século XVII, os homens eram proibidos de assistir aos partos. A *gossip* era a encarregada desses eventos. Em seguida, cumpria um papel interessante para uma época na qual a maioria das crianças eram enjeitadas. Acudia à igreja para testemunhar que o recém-nascido que seria batizado era o mesmo que ela tinha ajudado a trazer ao mundo. Da mesma forma – e transformada em *godparent* = madrinha –, a parteira criava um laço entre o mistério feminino de dar à luz e o mundo da linhagem paterna.

A língua francesa nos oferece algumas pérolas. *Potin* é a fofoca e provém de panela, *potine*. Esse era um curioso dispositivo, uma espécie de pequeno aquecedor que as damas da Normandia levavam às reuniões invernais para se manterem aquecidas. *Potiner* é conversar, fofocar no calor do *potine*. O fruto dessas conversas se chama *potin*. Diz *Le petit Robert* que a expressão data de 1655, e junto com essa ideia está Maupassant: “a fofoca é um signo de raça de pequenas pessoas e pequenos espíritos”² (Robert, 1968). Lendo o duque de Saint Simon, encontro outra referência. Louis de Rouvroy (1675-1753), par da França e cronista de Versalles, usou 43 volumes para narrar sem papas em sua pluma as intrigas de Luís XIV e sua desenfreada corte. Contou segredos de câmara, antecâmara e alcova. Em 1985, a tradutora Consuelo Berges selecionou as crônicas mais picantes em um livrinho de Tusquets, chamado *Retratos proustianos de cortesanas y otros personajes*. Nessas deliciosas páginas vemos que para citar a fofoca, o falatório maléfico que causa estragos, o autor quis referi-lo ao diabo. Ao paladino do mal. No momento de mencionar a relação que ligava a intrigante duquesa de Berry com seu pai (o duque de Orleans), Saint Simon se põe enigmático e diz que essa intimidade “deu sustento às línguas de Satanás” (p. 199).

Vou me deter nesse detalhe. Acredito que a fofoca sempre está em tensão com algo não dito, com um núcleo que, permanecendo oculto, se deixa supor. E o que era o não dizível no século XVII? Trezentos anos depois (e dando à fofoca qualidade de “pequena história”), a tradutora nos sussurra em voz baixa, usando o discreto encanto de rodapé. Imitarei seu prudente gesto³.

A raiz germânica de *fofoca* é contada com duas origens. A primeira é *navalha*, próxima ao latim *schisma* e ao grego *sxisma*: discórdia,

1. “Rien ne pèse tout qu'un secret, le porter loin est difficile aux dames”.

2. “Le potin es un signe de race des petites gens et des petites esprits”.

3. Referência às relações sexuais que eram atribuídas –e que a “pequena história” seguiu atribuindo – ao duque de Orleans e à sua filha (sic).

rachadura, punção, incisão. Penso nos destroços que é capaz de causar uma “língua de dois gumes” e também em Cocteau, que descreve a fofocadeira pluma do duque de Saint Simón como um estilete capaz de perfurar a página. A segunda raiz germânica já nos deixa sem fôlego. É “partes genitais da mulher”.

Circunstantes

Rafael Mejía Montoya (1989) colocou nomes centro-americanos aos que intervêm na “atividade de criar rumores”; para nós, a fofoca. Iniciando nos princípios da teoria da comunicação, o autor considera que esta prática exige dos participantes: o que cria rumor emissor e o receptor transmissor. Usarei estas denominações apenas em sentido funcional, já que ambos participantes estão ligados a um pacto. A um pacto duplo e especular que lhes permite regozijar-se. Ou seja: tramitar uma dimensão de prazer. Entendo que todos os difusores da fofoca não deixam de ser peças de uma engrenagem superior a serviço do prazer do Outro. Outro que se encarna no amigo/confidente, em um grupo social e até no público telespectador. Se nos puséssemos meticolosos, poderíamos ver que a circulação da fofoca começa com um acordo, com uma pequena mascarada que coloca em jogo a intenção de imobilizar sua carreira: “Jure. Jure que não vai sair de sua boca”. Que pareça um segredo. Um segundo pacto, mais tácito e subterrâneo, entraria na gama do não dito. Essa é uma cláusula motriz, a que garante a sobrevivência da fofoca. A que considera como seguro que esse receptor transmissor arderá de vontade de abrir a boca e deixá-la escapar... mas sempre sob a condição de conservar sua natureza furtiva. Porque a fofoca, como certas vegetações exóticas, guarda sua louçania se for mantida na penumbra. Exposta à luz, murcha e morre. Oscar Wilde denuncia: “Em Londres há muitas mulheres que flertam com seus próprios maridos. É um escândalo que ofende a vista. A roupa suja não se lava em público” (pág. 15). Sejamos justos. Não é correto adjudicar ao emissor receptor a responsabilidade dessa fuga; nem tudo depende de sua inconfidência. Sendo a fofoca uma narração criadora de significados (lhe conto algo de alguém), comporta-se como uma entidade de puro movimento. Cozarinsky (2005) destaca que a fofoca respira no âmbito precário do trânsito. Sua razão de ser é a transformação, o fluxo. E nada mais certo: não nos banhamos duas vezes na mesma fofoca!

Ficções verbais

Entendo que fofoca é uma prática narrativa. Mais modesta que o conto e sem pretensão literária, não deixa de ser uma narração que se fabrica para cativar o interesse de outro(s). Ao interrogar as várias razões dessa atração, observarei que todo falatório que se preze bem sempre deixa suspeitar outra rede de associações e inferências. Uma razão submersa que vai além dos detalhes considera correto revelar. A mais efetiva das fofocas parece dar a entender que, por algum motivo enigmático, não desdobra *tudo*. Que deixou de fora algum

detalhe relevante. Isso me permite pensar que existe uma intenção pulsando em seu núcleo mais profundo, uma essência que permanece oculta e que obriga a pôr em ação a máquina discursiva. Pensando nessas coisas, voltei para o tema que trabalhou Ricardo Piglia e que sempre me pareceu sugestivo.

Em sua “*Tesis sobre el cuento: Los dos hilos*”, Piglia (2000) afirma que todo conto sempre tem duas histórias, e que a arte do contista consiste em saber cifrar a segunda história nos interstícios da primeira.

uma narração visível esconde uma narração secreta, narrada, de um modo elíptico e fragmentário. [...] o que é supérfluo em uma história, é básico na outra. [...] o conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa da interpretação: o enigma não é outra coisa que uma história que se conta de um modo enigmático. (p. 1)

No caso da fofoca, bastará uma piscada de olho, a elevação de uma sobrancelha, um modo particular de organizar as sequências, um tom de voz. Do mesmo modo que a teoria do iceberg de Hemingway, diz Piglia (2000): “O mais importante nunca se conta. A história secreta se constrói com o não dito, como o suposto e a alusão” (p. 1). Qualquer semelhança com a criação da fofoca não é pura coincidência. E autorizo a perguntar se esse fio *pigliano* não é o que vislumbra quem recebe a informação sussurrada. O iniludível receptor transmissor, que se vê tentado a seguir desfiando⁴. Ali encontra ele sua chance de engrossar, “melhorando” a seu prazer o conteúdo da fofoca. Nesse ponto localizarei a incidência do componente pulsional, a oportunidade de inserir no relato um pedaço próprio. Inadiável impulso que lhe permite, por sua vez, lançar o produto um pouco mais longe. (Não direi até o infinito. *Infinito*. Em nosso caso, é uma palavra transcendente demais).

Entendemos que o que chamamos de *ficção* não entra no campo do verificável, não é verdadeiro nem falso, e trabalho com esses dois polos. Dado que o produto da fofoca, não se casou com os fatos verdadeiros, sempre resultará infiel. Descarado e orgulhosamente infiel. Elo de uma corrente que vai se modificando no “boca a boca”, a fofoca se veste com o que encontra em seu caminho. Nesse jogo ganha e perde, se recorta e se transforma. Adquire seu toque particular, sua nota de *suspense*, trágica, solene, irônica, erótica ou surreal. E ainda que se submeta a certas leis, o resultado desses movimentos sempre será caprichoso e imprevisível. Não sabemos onde acabará sua travessia nem se é capaz de deixar um rastro na tela do tempo. Em *Desconstruindo Harry*, Woody Allen (1997) filosofa: “Nossa vida depende de como a distorcemos”. Da mesma forma que a vida, o discurso fofocheiro – que é distorção pura, *telefone sem fio* puro - vai se alterando com os sinais particulares dos sujeitos que o transmitem. Porque arrasta as chaves da subjetividade. É o ingrediente secreto que a ciumenta cozinheira sempre esconderá de

4. Viram um gato puxar a ponta de um novelo? “O gato é movido pelo instinto; o humano, pela pulsão” (Senhor Perogrullo. Comunicação pessoal).



sua vizinha. É a marca constitutiva e não declarada do autor que torna possível sua clonagem.

Do último, deduzo:

1. Cada fato do acontecer dos outros transformado em fofoca não se repetirá de forma idêntica.

2. A fofoca é um dizer que envolve somente assuntos relativos ao comportamento humano. Não se murmura sobre as condições do tempo.

3. Nem todos os atos humanos estão qualificados para ingressar no discurso fofoqueiro. Ninguém pega o telefone altas horas da noite para difundir a suspeita de que Fulaninha é uma garota muito virtuosa.

Acho que ao ponto mais intenso, ao *acmé* da fofoca, não se chega de qualquer maneira. Ele deverá se referir a certos fatos que escurecem a parte mais *nobre* da novela familiar. Refiro-me a todo tipo de atos transgressores, corruptos e que falham à ética. Ao ridículo, às desgraças, às debilidades, ao passado difícil. Às origens humildes ou sórdidas. O que se silencia para evitar o sofrimento ou a degradação social. Os segredos de família, o adultério, a existência de pais indignos, os filhos ilegítimos, as relações incestuosas, os familiares caloteiros, suicidas ou dementes, casos de cônjuges homossexuais, de esposas sirigaitas. O que circula *sotto voce* e é (como dizer?) novelesco. Tudo aquilo que se costuma dizer que “cheira mal”. Voltarei ao assunto olfativo.

Algumas diferenças

Toda fofoca tem veracidade potencial. Poder ser crível; no entanto, essa veracidade não é totalmente necessária para sua existência e difusão. Seu êxito não depende da qualidade ou número de fontes, dados ou provas.

Quanto ao conteúdo da atividade de rumorear e a seu modo de se expor, situarei algumas diferenças. Por um lado, teríamos a inconfidência. A inconfidência é destrutiva e nociva porque divulga um conteúdo mais ou menos verdadeiro. Este subtipo inclui um ingrediente cheio de espinhos: a traição, lugar onde o mal crava seu dente de discórdia. Houve vazamentos no recipiente secreto...? Foi violado um pacto confidencial? Sim: o que antes esteve guardado, agora é um segredo comentado. Em um grau diferente, estaria o murmurinho incerto, encarregado de divulgar fatos que não têm demonstração. Trata-se de um produto “terceirizado” ao que ninguém em nome próprio anunciou. Acontecimentos que ninguém parece ter presenciado, ficando eliminada a marca do autor: “Dizem por aí...”, “Ouvi dizer que...”, “Não sei se deveria dizer, mas se comenta...”. Lembremos o início de “As ruínas circulares” (Borges, 1956): “Ninguém o viu desembarcar na unânime noite, ninguém viu a canoa de bambu desaparecendo no lodo sagrado, mas em poucos dias ninguém ignorava que o homem taciturno vinha do Sul” (p. 59). Aí, esse *ninguém* é *todos*...

Por último, teríamos a fofoca propriamente dita, que dissemina uma invenção irreal. O termo foi criado no século XV, e sua origem é incerta. Nem todos os filósofos outorgam a essa palavra uma

conotação agravante. O dicionário etimológico de Joan Corominas (Corominas e Pascual, 1987), por exemplo, a define como uma notícia falsa ou mal comprovada, que circula como rumor. Quase uma travessura, já que a faz proceder do antigo *chince* – do latim *cimex*, *incis* – no sentido de “coisa de criança”.

Em nossa opinião, este seria o terreno da calúnia, de fazer o mal com as palavras, de colocar a circular seu poder nocivo com a intenção de causar dano a alguém. O emissor sabe que mente, sua intenção é claramente injuriante e, como já dissemos, de forma aberta ou encoberta, a maledicência transporta uma carga hostil. Nas cercanias do mal, *maledicência* é um dos sinônimos de maldizer. O latim *maledicentia* define a ação ou o hábito de *maldizer*, denegrir, falar com mordacidade sobre outro. O termo provém de *dicere* e *malus*: proferir palavras que invocam e chamam o mal. Entre seus sinônimos podem ser citados: blasfemar, condenar, criticar, execrar, imprecar, murmurar, ofender, renegar.

O intruso familiar

Mas o que acontece com a vítima do ato da fofoca? Por que, algumas vezes, o estilete penetra tão profundo que chega a arranhar a membrana narcisista? Muitas vezes, a fofoca produz rachadura, punção, incisão. Consideremos a importância de manter à margem tudo aquilo que é privado, velado, íntimo e pessoal. Aquilo que não se deseja ventilar nem compartilhar com ninguém. Proponho o seguinte. Verdadeiros ou falsos, postos a circular, estes ditos põem na boca de outros algo que afeta o produto da divisão subjetiva. O acionar da fofoca espia – e as vezes coloca refletores – sobre o íntimo, o escuro estrangeiro/familiar que nos habita e nos dá sustento. Inquieta esse intruso que Freud detecta no *Projeto de uma Psicologia*, um fundamento que por causa da divisão inicial permanece e deverá permanecer à margem, não revelado. Trata-se, em palavras de Lacan (1959-1960/1992), “daquele elemento que resulta isolado na origem do sujeito, em sua experiência do *Nebenmensch* [complexo do semelhante], como sendo para nós por natureza estrangeiro, *Fremde*” (p. 67). Na página 19 de seu livro *Histórias del mal*, Bernard Sichère (1996) diz:

O mal, como mal radical, surge paradoxalmente como a evidência de algo estranho e ameaçador que o sujeito experimenta e que de seu interior o quebranta até o ponto de arrancá-lo de sua própria coerência. O mal é esse “coração das trevas” do qual fala Joseph Conrad.

Perto do final de *O quarteto de Alexandria*, Lawrence Durrell (1962/1985) escreve sobre um personagem central que morreu. Outro, um amigo, se dispõe a revisar sua correspondência amorosa. Começou a ler à luz de vela aquelas cartas íntimas e, de repente, se vê inundado por uma curiosa premonição. Uma rara sensação muito próxima ao medo. À medida que ia lendo, esse sentimento, longe de diminuir, cresceu até se converter em terror. Horror do que poderia seguir... Sem dúvida, a intimidade do outro pode adquirir um viés execrável e inquietante. Como um poço infinito cuja proximidade



produz vertigem. A destruição da intimidade não é um processo, mas uma perigosa involução. Acredito que esse medo reverencial está sendo perdido, essa inquietude que provoca a reserva do outro. Não há nada para festejar se nos tornamos translúcidos, se por alguma razão se desmantela essa pequena caverna (tão *Heimlich*) que intimamente nos acolhe, e cuja penumbra deixa dormir os leões.

Ainda que seja por um momento.

II.

O segredo é uma caixa que o vento reserva
para distribuí-lo segundo suas necessidades.
A.A. (Árabe Anônimo)

Ilustrarei a recente epígrafe com uma anotação histórica, narrada por Edgardo Cozarinsky (2005). Nela se observa em ação o vento, conhecido dissipador de palavras.

Em 1º de julho de 1942, a embaixada britânica no Cairo e as forças armadas de sua Majestade em serviço no Egito, alarmadas pelo avanço vindo de Tobruk das tropas do marechal Rommel, anuncio de ocupação eminente, decidiram queimar todos os documentos que não deveriam cair em mãos inimigas. A operação foi realizada com tanta pressa, jogando ao fogo tantos documentos ao mesmo tempo, que muitos deles, impulsados pelo calor dos incineradores, voaram muito alto sem ser totalmente consumidos, espalhando seus restos chamuscados. Foi assim que, dois ou três dias depois dessa “quarta-feira de cinzas” – como a data passou a ser lembrada pelos cairotas –, o transeunte que comprava um saco de amendoins de um vendedor ambulante, passou a recebê-los envoltos em uma folha de papel aonde se podia ler um texto datilografado, em inglês, marcado por carimbos “reservado”, “confidencial” ou “secreto”. (p. 51)

Certos leitores gostamos das surpresas. Como na novela policial americana, na qual no momento mais impensado chega o carteiro com a prova delatora. Ou em casos mais ingleses, quando aparece uma digital do assassino na xícara de chá. Mas às vezes os autores apertam uma tecla interessante: fazem vacilar nosso ponto de vista com um recurso parecido à fofoca. Trata-se de revelar o lado escuro de um personagem irrepreensível, o alto magistrado ou a tímida *mosquinha morta* da que inevitavelmente pensamos: mas quem diria!

Começamos esta comunicação mencionando as relações do segredo com a ética, o silêncio, a dignidade e agora a etimologia (Lévy, 1976) vem nos descobrir uma antiga vinculação. Refiro-me à origem escura da palavra *segredo* e sua raiz comum com *excremento*. Quem diria!

O *segredo* provém do latim *secretum*; o adjetivo, de *secretus*, participípio passado do verbo *secerno*: separar, pôr à parte. Mas o verbo *se-erno*, em si mesmo, está composto pelo verbo *cerno* e o prefixo *se-*, que indica separação, colocação à parte de uma entre duas coisas. O verbo *cerno cerno*, *crevi*, *cretum*, *cernere* constitui a raiz da palavra *segredo*, que está associada a uma velha operação agrícola: o peneirado do grão usando um crivo (*cribrum*) ou peneira. Uma vez passado

pelo crivo, o bom grão se separa do desperdício, dos resíduos indesejáveis: em latim, *excrementum*. Mais tarde, todos os sentidos figurados mantiveram a ideia de uma operação de descarte e separação. Por exemplo, *discernir*, significa distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal, a palha do trigo. Os entendidos concluem que *sacerno* gerou dois termos, um é o que hoje interessa: *secreção* e *segredo*.

Em decorrência a isto, alguns autores psicanalíticos descobrem o erotismo anal por trás do fato de guardar ou deixar escapar um segredo. Pensam a peneira como uma representação metafórica do respectivo esfíncter e leem na operação uma mecânica de retenção/incontinência. Muitas vezes esse é representado como um conteúdo fechado num estojo ou receptáculo mais ou menos isolado. Dizemos “costurar a boca”, “em boca fechada não entram moscas”, e as metáforas que usamos para nos referirmos a ele são bastante interessantes. Algumas delas poderiam ser anotadas no mármore de uma lápide. O segredo “é enterrado”, e a pessoa que sabe mantê-lo se compara a uma tumba. “O segredo da vida se encontra nas tumbas fechadas”⁵ (Leconte de Lisle). Benjamin Franklin dizia que um segredo pode ser guardado entre três, sempre e quando dois deles estiverem mortos. Mas não há sepultura à prova de certas palavras. Tenho a tendência a pensar que aquelas enterradas e que compõem o segredo são mortos-vivos que ali embaixo, na sombra..., ali embaixo, no úmido... sempre estarão se removendo.

Às vezes se fala de violar um segredo como de violar uma virgem ou um sepulcro, ou de entrar, penetrar em alguma intimidade. Em outras, se toma o coração como receptáculo escolhido para guardá-lo. É possível também ver a transmissão de um segredo como um ato de extravasamento, de verter líquidos de um receptáculo a outro: “Seu segredo é seu sangue; se o deixar escapar, morrerá”. Ou como vasos comunicadores cuja matéria fervente se filtra, escorre, verte da boca à orelha. Também abundam as metáforas culinárias. Para significar que um segredo foi revelado, costuma-se escutar “se destampou a torta”, “se destampou o refogado” ou “se destampou a caçarola”.

Os franceses, além de utilizar *découvrir le pot pourri* (a panela podre), contam com uma expressão bastante refinada. Trata-se do ambíguo e floral “Destampou-se a panela de rosas”...⁶ (seu sentido literal é equivalente a “Destampou-se a caçarola”). Claude Duneton, no bonito livro *Le bouquet des expressions imagées* (Duneto e Claval, 1990) diz que esta expressão é uma das mais antigas e vivazes da língua, e que (justiça poética) sua origem ainda não foi revelada. Só se sabe que a rosa era, desde os latinos, o símbolo do silêncio e do segredo. A expressão *sub rosa* (sob a rosa) foi empregada em latim medieval como o sentido de “com grande segredo”. Possivelmente os valores eróticos de rosa, virgindade, hímen não são alheios a esse significado. No século XIII, *découvrir le pot aux roses* significava fazer ver o segredo de um assunto. Alguém abruptamente, com intenção ou sem ela, descobria algo turvo que não deveria ser difundido. Da

5. “Le secret de la vie est dans les tombes closes”.

6. “On a découvert le pot aux roses”.

perspectiva da psicanálise, não poderíamos considerar que *le pot aux roses* é uma alusão –por contraste– a *vase de nuit*?

Quem tenha lido um pouco a história saberá que todas as monarquias tiveram funcionários dedicados a transmitir e revelar segredos. Na Grã-Bretanha, a Rainha Ana I exerceu seu poder entre 1702 e 1707; sobre ela se disse que não parecia mulher devido ao fato de se destacar por guardar segredos. A poderosa soberana (ramo dos Stewart) contava com os ofícios de um lorde chanceler, cuja missão consistia oficialmente em oferecer os chamados “relatórios ao ouvido real”. Em Viena, a gestão estava a cargo do Conselheiro de Orelha, personagem da corte. Era uma antiga dignidade carolíngia, a *auricularius* dos velhos documentos palatinos: “o que fala em voz baixa para o imperador”. A prática não desapareceu, mas nossos funcionários, alheios hoje ao título de nobreza, também são recompensados.

Geralmente não existe segredo que não seja compartilhado. Da mesma forma que o discurso fofoqueiro, esse se constrói com a presença de um cúmplice e de um ou mais terceiros excluídos. Da mesma forma que a fofoca, o segredo é um saber. Mas um saber escamoteado, ao que se coloca reserva e se retira de circulação. No entanto, cedo ou tarde, a lei do submerso é vir à tona. “Não há nada escondido entre o Céu e a Terra”, diz o provérbio. Principalmente no que diz respeito às coisas do dizer, e Freud sabia muito bem disso: somos donos de nossos silêncios..., mas escravos de nossas palavras.

Sem dúvida, o segredo é um saber cuja índole é o ocultamento e a subtração. Mas sua marca distintiva não é a capacidade de permanecer incógnito, mas a recusa a ser divulgado. O segredo mais eficiente é fabricado, se trabalha para evitar que faça série ou sistema. Usando um modelo botânico, direi que assim como a fofoca é mais selvática e tende à arborização e ao rizoma, um segredo bem guardado requer um cuidadoso trabalho de poda. Seria como um pequeno jardim íntimo, aos cuidados de um jardineiro cuidadoso. Daí deduzo que uma pessoa que mantém uma reserva, altera seu vínculo com os participantes necessários, em primeiro lugar, com o qual compartilha o conteúdo silenciado (“A quem disser seu segredo sempre estará sujeito”). Também se encarecem os laços com o terceiro excluído. Porque a partir do momento em que esse terceiro detecta algum sinal de ocultamento, não encontra repouso. Aguçará o ouvido, investigará, conectará fatos, revisará extratos de cartões de crédito, lerá rostos, contas de mensagens e celulares. Também exercitará a velha prática de “jogar verde” com quem se mostrar reticente.

Acredito que só a existência de um saber oculto agita os véus que cobrem a cena primária. E conhecemos os efeitos dessa agitação naqueles que resultam separados: se acaba a ilusão de unidade e de domínio, revivem os velhos apetites. Acordam os leões. A sós com seu caudal fantasmagórico, esses não terão mais remédio que usar sua maquinaria dedutiva e exercitar os já descritos recursos do fofoqueiro... talvez as consequências de silenciar um conteúdo afetem de diferente forma o próprio interessado. Porque nem sempre se coloca em reserva o penoso, a doença que causa

vergonha, os crimes imperfeitos. O que se guarda também pode adquirir para o que custodia um valor agalmático. Transformar-se em uma arma de domínio, em íntimo e imaginário tesouro, fonte de regozijo narcisista.

Fazer o mal não é alheio a estes movimentos, já que o segredo sempre está em relação com alguém. Refiro-me àqueles dados ocultos que conferem poder sobre outras pessoas, que são lugar-comum para atizar a curiosidade e a intriga. Um instrumento de manipulação e prazer, que coloca em jogo a mentira e a dissimulação. Também, ao contrário, alienação, vazio e desposseção. A política e a comédia dos sexos constituem excelentes campos de jogo, onde melhor se exercita este esporte. Os analistas sabemos que o que arrebatava os segredos mais profundos não é um saber banal, mas algo que ocupa um lugar à parte no conjunto dos conhecimentos de uma pessoa. Esses conteúdos que se encapsulam, alteram profundamente sua posição subjetiva. A sabedoria popular inventou uma pavorosa sentença: “Nem ao menos pense no que não quer que ninguém saiba”. Há segredos muito difíceis de manter. Neste caso, ao cuidadoso guardião ainda lhe resta um recurso: sucumbir. Entregar-se ao aliviante imperativo de falar. Falar, falar.

Resumo

O ensaio reflete sobre o poder nocivo da palavra, de sua potência para atizar o mal e disseminá-lo. A fofoca é um fato de linguagem e de desejo: não alheio ao pulsional e ao prazer. Como fenômeno, sempre permanece em tensão com algo não dito, o que permite articular o discurso fofoqueiro com a “*Tesis sobre el cuento: Los dos hilos*”, de R. Piglia; todo conto esconde uma narração secreta, narrada de uma forma elíptica e fragmentária, e a arte contista consiste em saber cifrar a segunda história nos interstícios da primeira. O segredo se relaciona com a analidade e a mecânica retenção/incontinência. Não é alheio ao mal, se constrói com um cúmplice e um terceiro excluído. É uma arma de poder e intriga.

Palavras-chave: *O mal, Prazer, Injúria, Intimidade, Maldade, Segredo.*

Abstract

The author discusses the harmful potential of words and their power for inciting and spreading evil. Gossip is a phenomenon of language and desire, closely related to the drives and jouissance. As such, it is always in tension with something unsaid, a fact that articulates gossip discourse with R. Piglia’s “Thesis on the short story: The two threads”; every short story conceals a secret narration, told in an elliptic and fragmentary way. The story-teller’s art consists in cleverly weaving this second tale into the interstices of the explicit story. Secrets are related to the anal and its mechanics of retention vs. incontinence. A tool of evil, they are constructed with an accomplice and an excluded third party. They are weapons of power and intrigue.

Keywords: *Evil, Jouissance, Libel, Intimacy, Wickedness, Secrets.*



[illegible]

- [illegible]